

A DEMOCRACIA

ÓRGÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 21 DE MAIO DE 1887

ADMINISTRAÇÃO

32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mez

N. 27

EXPEDIENTE

Anno. 6.000

São nossos correspondentes :
Em Barbacena, o Sr. Tent. Lino
Marques da S. Pereira.
Em S. João d'El-Rei, o Sr. Tent.
Francisco de Paula Pinheiro.
Em Juiz de Fora, o Sr. Dr. José
Caetano de Moraes e Castro.
No Recife, o Sr. Dr. José da Rocha
Lima.

A *Democracia* agradece sinceramente o acolhimento benevolo e animador que foi dispensado ao nosso companheiro de redacção, o sr. Eugenio Augusto Pinto.

Rio 21 de Maio de 1887.

CHRONICA POLITICA

A borrasca aproxima-se.

A nação brasileira, desaccostumada a figurar conscientemente nos seus proprios negocios, vae brava mostrar para quanto presta.

Impassivel ou inerte é que não ficará.

Embora um longo regimen de corrupção e o crime generalizado de cobardia nos tenham reduzido ao quietismo e ao abandono de qualquer ideal nobre, força será despertar e volver os olhos para o lado onde desapruma o edificio a bem de fugirmos sequer de sermos esmagados debaixo dos escombros.

A corda allue e está prestes a despenhar-se.

Haverá quem a recolha, a remende e porfie em restaural-a no pedestal em que se acha agora?

Isso importaria a destruição de todas as esperanças de reabilitação; ficavamos definitivamente desarrvorados e objecto de sarcasmo dos nossos adversarios.

O desejo de uma mudança lateja em todas as cabeças; e a convicção de que esta quadra não pode prolongar-se, também está profundamente arraigada em todas as consciencias. O que move os animos a recuar de qualquer tentativa, é o medo do desconhecido, ou, por outra, a ameaça que envolve qualquer evolução brusca de causar prejuizos materiaes, como perda de empregos, de posições, etc. Garanta-se a premissa da conservação do *statu-quo* economico, todos adherirão ás reformas das instituições sociaes.

Eis porque aqui na capital, onde a maior parte dos individuos sentam-se á mesa do orçamento, raras são as profissões de fé e nullas as manifestações republicanas. Suppõem elles que uma viravolta politica, atiral-os-ha pelos ares. Enquanto, pelo interior, grassa a idéa republicana e expande-se com assombrosa celeridade.

O admiravel movimento abolicionista que se opera em todo o paiz, a despeito das tendências retrogradadas dos seus governos, contribuio muitissimo para que se persuadissem todos de que era possivel livrarem-se de um mal que também parecia congenito á nossa familia e nacionalidade. Pois a monarchia equilibra-se em ruindade com a escravidão.

Um povo que sabe espontaneamente desistir d'esta, não pode hesitar ante a primeira: um previo accordo e uma ligeira sacudidella bastarão para banil-a d'estas plagas.

Estamos actualmente na phase preliminar.

Se por um lado reconforta e alenta o espirito a bella perspectiva de tantos grupos que hasteiam o symbolo da republica como labaro salvador, é nosso dever attentar para os ignobis e perfidos manejos dos appellidados monarchistas.

Rosna-se que o rei, escapando da presente crise, vae abdicar em o neto Pedrinho, filho do duqua de Saxe.

A Constituição não lho permite; seria n'esse caso indispensavel uma demonstração compadresca que chrismar-se-ha posteriormente de *revolução*, irmã gêmea da *Independencia ou Morte*; quando não, um segundo specimen do celebre *Fico*.

Que não fallarão caracteres que se prestem ao desempenho d'essa miseravel trica em que se merca e atraíçoa a honra de um povo, não ha duvidal-o.

Mas a longa experiencia de meio seculo deve premunir-nos contra as ciladas dos homens palacianos e corruptos; a epoca tão dilatada de escandalos e miserias exhibio com estrepito e amadureceu os fratos mais pegonhenos; os homens de todos os partidos, de todos os tempos, levantam um brado unisono de descontentamento e de protesto: signal é que o defeito reside não nos homens mas nas instituições; o bem que se tem alcançado o foi mau grado e contrario á iniciativa e preponderancia que vinha de cima; a affronta do despota paraguay, lavou-a o povo com seu heroismo; os governos imperialistas só tem sabido defraudar o erario e curvar-se ás imposições dos Christies, dos Tripoti e dos Waring Brothers; o nepotismo, a concessão do favores ás occultas, as esmolos prodigialisas aviltaram e prostituíram o caracter dos tantos que as recebem genuflexos; a propriedade mais saliente d'este systema, d'esta forma politica foi manietar a nação, reprimir-lhe as forças, empecer-lhe a evolução, coarctar-lhe os brios, aniquilar-lhe a coragem, o impulso, a aspiração de progredir e de tornar-se grande e prospera; a penuria, a indigencia a mais angustiosa situação, o anathema, formam a nossa partilha...

Repetimos: Haverá ao rolar d'essa corda quem a recolha, a femende e porfie em restaural-a no pedestal em que se acha agora?

Se premitirmos que os homens da situação continuem a dividir entre si os despojos da nação e distribuam a seu talante as honras, os postos, constituindo outras tantas sinecuras como o têm feito até hoje, a resposta é obvia e ineludivel: Elles não de zelar os seus interesses pessoais, collocando na cuspide do edificio em que se resfolgam o emblema que favoreça as suas miras — um rei.

Cumpra que os caracteres patrióticos reajam e saiam ao encontro de tão nefanda pretensão.

E' chegado o momento de resgatarmos por um acto reflectido e varonil a inopia, a cobardia de tantos annos em que fizeram de nós um povo niamente desfructavel.

SEPARAÇÃO E FEDERALISMO

(De um livro inédito)

I

Simulando profundo desgosto das cousas publicas, disfarçam os eunucos politicos o seu servilismo e esterilidade com a phrase:

Cada povo tem as instituições que merece.

Essa ostentação de calculado pessimismo desobriga de lutar, deixa a liberdade de transigir em todas as circumstancias, e é tida como prova de superioridade mental.

Antigo é o ardit, e valiosos serviços tem prestado a todos os regimens de oppressão.

Devem os indifferentes por systema considerar legitima a escravidão desde que reduza as victimas ao silencio, justos os excessos de autoridade que se impuzerem pelo terror. Para os fracos, para os ignorantes, para os aviltados não haverá direito.

Como o personagem que fallava em prosa sem o saber, os cidadãos neutros, também chamados *republicanos declaração*, são inscientemente conservadores da peor especie.

Não progridem, não reagem, não protestam, exploram todas as situações, estão em boa intelligencia com todos os partidos.

N'elles tem origem a maladicencia que nodoa todos os caracteres, e ennegrece os actos mais puros.

Tartufos da imparcialidade, afagam todas as opiniões, e esquivam-se a todas as responsabilidades, condemnando seus contemporaneos por incapazes.

Apegam-se a sentenças dogmaticas, citam factos malcomprehendidos, e para si reservam o papel de homens superiores ao seu tempo.

Um dos *duendes* d'esses taes é a apregoada tendencia dos brasileiros para os empregos publicos.

Almas candidas e immaculadas, não se podem afazer a ideas tão terrenas como estas:

As distribuições da justiça, a propagação do ensino, a cobrança do imposto, a policia, a defesa do territorio, não se fazem por obra e graça do Espirito Santo, mas por agentes do poder, que prestam serviço e tem direito á condigna remuneração.

Onde ha funções retribuidas, é natural e para estimar que haja quem pretenda exercel-as, e intuitivo que a concorrência crescerá na razão directa das vantagens do emprego, e na inversa das habilitações exigidas.

Isso acontece no Brasil, como em qualquer parte do mundo.

Mas, lamentam os criticos, o excessivo numero dos pretendentes denuncia a indolencia peculiar dos brasileiros.

Não dos homens, do systema é o vicio.

Em toda a parte onde imperam protecçionismo, tutela, regulamentação, regimen papeistico, amortece a autoridade individual, definham as industrias, estacionam as artes, as sciencias, a litteratura.

Em regra o emprego publico é como titulo de irmão remido de ordem terceira: uma apolice de seguro contra a mendicidade. Ou melhor, como já se disse, o funcionalismo é para o maior numero, a roda dos engeitados.

Na lavoura ha o monopolio territorial e a concorrência do escravo.

A industria é o caminho mais curto para a ruina.

—O theatrosob a sisuda inspecção do Conservatorio Dramatico, ja não produz nem o entremez.

A historia, a geographia e a ethnographia solicitam a imperial venia quando querem fallar.

Os negocios municipaes estão ao cargo do ministro do imperio e dos presidentes de provincia.

Escrever para o publico é quasi demencia.

Resta o emprego, directa ou indirectamente estipendiado pelo imposto.

Desde que no governo imperial se resume a vida da nação, não é para estranhar que ao poder se pegam o pão e o prestigio.

(Continúa).

Clero nacional e escravidão

Com a publicação do nosso primeiro artigo a proposito da indifferença do clero do Brazil no agitado problema abolicionista, coincidio a noticia telegraphica da pastoral do bispo de Pernambuco condemnando a escravidão e exhortando os sacerdotes de sua diocese a promoverem o maior numero de libertações e a restituiren á liberdade os escravizados que possuíssem.

Grande foi a nossa alegria que é agora maior depois que lemos a importante pastoral do prelado Olindense. E' felizmente mais uma excepção sobre as pouquissimas existentes á regra estranhavel, anti-christã, sem misericordia, que o clero até hoje se impoz, assistindo impassivel aos soffrimentos sem nome da infeliz raça proscripta no seio de um paiz catholico.

Ao illustre bispo de Goyaz associou-se agora o de Pernambuco.

Ainda bem!

Não era de certo para avigorar no coração do povo a fé religiosa nem a creença no catholicismo, o procedimento anomato do clero, no qual, á negligencia, a inercia, o desconhecimento de um dos mais mais sagrados deveres religiosos e até a participação no crime de escravidão, o tem tornado digno das mais vehementes censuras.

Era de grande lastima ver-se esta voluntaria annullação do clero, quando o seu concurso espirital a bem dos escravizados lhe offerecia amplo ensejo de erguer-se de seu abatimento moral, conquistar a estima e a gratidão publicas e rehavir assim alguma cousa de seus perdidos creditos.

Posto que tardio e muito limitado ainda, o auxilio que á causa da liberdade começam de prestar os dois prelados deve produzir beneficos effeitos.

Todos os homens de coração desejam e fazem votos como nós, para que o digno exemplo que acaba de abrir-se, seja ampliado pelos proprios que o iniciaram e de prompto seguido por todos os bispos e por todo o clero do paiz.

Quando por todo o Brazil se cruzarem as pastoraes de todas as dioceses e repercutirem os echos das praticas e orações, cuja eloquencia tiver ressoado da tribuna sagrada pelas arcadas e abobodas dos templos; quando em toda a parte emfim vir-se e ouvir-se os curas d'almas na missão evangelica de quebrar as cadêas dos captivos d'esta infeliz terra; então os applausos universaes, as benções da humanidade chove-

rão sobre as cabeças dos homens que souberam um dia ser interpretes da verdadeira doutrina do martyr do calvario e de sua igreja.

Ah! quanto seria consolador vel-os transfigurados em redemptores dos homens e da patria!

NOTAS

Direitos de Exportação

Noticiam que o «Centro da Industria e Commercio de assucar» vai requerer ao corpo legislativo a abolição dos direitos de exportação de assucar e redução de tarifas das estradas de ferro sobre o mesmo producto.

A pretensão dos industriaes e commerciantes de assucar é muito justa e digna de ser attendida. Não sómente este, mas todos os productos do paiz devem ser isentos de direitos de sahida. A medida, pois, precisa de ser ampla e completa. A exportação deve ser livre, o que importa a necessidade de reforma radical do systema tributario do imperio, substituindo os direitos de exportação por impostos directos e estabelecendo a mais equitativa e scientifica distribuição d'estes.

Quem quizer ter a convicção segura e authentica da ignorancia, atraso, rotina e incapacidade dos governos do Brazil, entregues exclusivamente aos legistas, basta lançar os olhos sobre o systema tributario vigente, pois que ainda subsistem e subsistirão enquanto o paiz for monarchia, os direitos geraes e provinciaes de exportação não só para o exterior como entre as provincias.

Uma cousa horrorosa! Uma anarchia estupenda!

Para uma reforma tal, precisa-se de animo, vontade e saber, qualidades que fallecem quasi absolutamente aos nossos governos e legisladores.

Necessita-se saber economia politica e saber tambem applica-la, e os nossos legistas tanto a ignoram como não a sabem applicar áquelles que têm d'ella mera tintura escolastica.

×

Tarifas das estradas de ferro

Por um conceito erroneo, antieconomica, as nossas estradas de ferro em geral mantêm tarifas elevadas para o transitio de passageiros e mercadorias. Entre ellas, porém algumas ha cujas tarifas são exorbitantes, de arrancar couro e cabelo. Para exempli citamos a de Paranguá a Curitiba que tem levantado tantos clamores dos industriaes e commerciantes a quem ella serve.

Agora reclamam elles positivamente uma redução racional da tarifa.

Levar ao minimo os preços de passagens e fretes das estradas de ferro do Estado das empresas, subvencionadas pelo Estado e particulares, é uma medida de interesse publico com a qual todos aproveitam, todos lucram, inclusive os proprios empresarios.

Mas isto é justamente o que nem o governo nem as empresas querem comprehender.

×

Presidentes de provincias e assembleas

Continuam as cabeças entre as assembleas provinciaes e os presidentes das provincias, brigas que denunciam o mal profundo da politica e administração tacanha do governo, os horizontes estreitos, as manobras de camarilhas das assembleas e o egoismo de todos.

As provincias são as unicas sacrificadas a essa politica perversa de interesses privados e mesquinhos.

Uma grande miseria, o symbolo do imperio!

×

Bello ensejo!

Para ser agradavel aos seus protegidos, os aspirantes a Senatoria, e patentear-lhes o seu zelo, forçoso é ser implacavel com os velhos do areópago da rua do Areal. E' esta a triste missão da parca. Abatendo as suas azas negras sobre aquella casa, de lá acaba de arrebatado o Conde de Baependy, cuja cadeira vaga desde o dia 12, é um bello ensejo para encartar-se mais um deputado que seja ou tenha sido ministro, um sr. conselheiro, emfim.

Não será ainda a vez para o sr. Castrioto Terá vindo muito de chofre? Não lhe aproveitará? Não a deixe escapar, sr. Castrioto, pois se assim acontecer, será o diabo appellar-se ainda para a morte... do proximo, bem entendido.

Situação critica

Não andam nada boas as cousas lá pelas regiões politicas!

O parlamento não tem funcionado, 1.º por falta do ministerio que estava roto. Remendou-se este e apresentou-se no dia 13 (mau dia, 13! que agouro!) 2.º porque apesar de remendado e consolidado, o ministerio tem tido flatos e desmaios e dizem que se acha engastado com o manifesto militar do dia 14, uma bomba de dynamite ensurdecedora.

Duro com duro não faz bom muro; ou este se desmorona ou hão de lhe amollecere o barro se quizerem fazer liga.

Estamos certos que não serão os militares os que se deixem amollecere para servirem de argamassa do governo.

Pelo menos é o que se deve acreditar á vista do seu alludido manifesto. Já sabem o que têm a esperar de tal governo hypocrita, desual, mystificador, cuja situação é n'este momento critica

×

Farça ou dramalhão

Acerca da sessão do dia 13 na camara dos deputados, quando alli se apresentou o ministerio Coteigipe remontado, disse a «Gazeta da Tarde»:

—Aquillo foi uma farça!

—Não foi farça; retorque a «Gazeta de Noticias»: aquillo foi um dramalhão!

Um dramalhão foi, é verdade, nos primeiros tempos, após a independencia, o governo constitucional entre nós, quando os espiritos estavam ainda ingenuamente entusiasmados. Pouco a pouco, porém, foi a cousa degenerando em comedia e de comedia em farça burlesca.

Que é, pois, toda essa politica imperial constitucional representativa? são a representação de uma farça sem fim, recheada de scenas grotescas a que o vulgo chama palhada! Uma só cousa séria ha n'isso... é que os comediantes, os farsistas, palhaços valhaos, papam todo o dinheiro do contribuinte e o deixam sem camisa e obrigado ainda ás dividas do circo, cujas rendas dissiparam na roleta. Eis ahí tudo.

A sessão do dia 13 não foi, pois, uma farça, foi sim uma scena das mais burlescas da farça continua, «opera-buffa», aqui chamada «monarchia constitucional representativa» e que quer dizer, como todos sabem — de representação comica. Divertimento publico de nos fazer rir, é certo, mas que nos custa mu to caro.

E' caso de se exclamar: é caro o luxo, mas não é bom!

×

Congratulações parlamentares

Sua magestade, o imperador, ainda não restaurou a sua saude, é apenas convalescente; mas o corpo legislativo já nomeara commissões para congratular-se com sua magestade pelo seu restabelecimento.

E' exquisito, é comico mesmo.

E sua magestade ainda não recebeu nem marcou audiéncia ás commissões parlamentares; é bem claro: por não estar ainda restabelecido.

Faz muito bem sua magestade.

Quando o augusto imperante esteve em franca convalescência em Petropolis e seu estado era annuciado como *satisfactorio*, choveram sobre sua magestade, qual praga de gafanhotos sobre o Egypto, as congratulações de todos os clubs e philarmônicas pelo seu restabelecimento. D'ahi continuou sua magestade doente e ainda agora convalesce pela terceira ou quarta vez.

Mande o imperador ao diabo todas as congratulações, inclusive as da grande *philarmônica legislativa*; do contrario, dão-lhe cabo do canastro.

×

Casamento civil

O sr. senador Taunay fez seu e apresentou á camara de que é membro o projecto de casamento civil do sr. João Mauricio, vulgo *Barão de Coteigipe*.

Será agora visivel esse projecto, morto por não sel-o outr'ora e hoje resuscitado?

Queremos vêr para crer.

O que parece certo é que a mumia galvanizada e perfilhada pelo sr. Taunay será de

novo enterrada. Os correligionarios de sua ex. são politicos muito *orthodoxos*.

Para a vida ou para o tumulo, qualquer que seja o caminho que o projecto siga, o sr. Taunay cumprio o seu dever, satisfazendo embora o seu prurido de fama.

Façam alguma cousa, pouco importa que chocalhem a vaidade e paguem alguns a glorificação de seus generosos perillhadores.

×

Salvaram-se 51

De Campos transmittio-nos o telegrapho a grata noticia de ter o cidadão Carlos do Lacerda (desculpem-se não o tratamos por commendador) conseguido no dia 13 libertar 51 brasileiros matriculados illegalmente como escravos.

No mesmo caso d'estes 51, grande numero de infelizes figuram na nova matricula.

D'esses, porém, muito poucos terão a fortuna de encontrar um Carlos de Lacerda que os arranque ás mãos dos miseraveis escravizadores e dê uma lição aos funcionarios imperiaes que tão *lealmente* executam as leis, interpretando á risca as vistas *justiceiras* do ministerio Coteigipe.

Apreciam os leitores esta bella amostra dos *sentimentos humanitarios* dos brasileiros (que escravizam os seus patricios) e da *lealdade* propria do governo do imperador, cousas que mereceram urea cantata na falla do throno.

Na impossibilidade de laurear dignamente os *humanitarios* senhores e seus leaes instrumentos, levantamos bravos a Carlos de Lacerda o invicto abolicionista.

×

O Parlamento

Tem funcionado n'estes ultimos dias. No senado tem-se exhibido o sr. presidente do Conselho a proposito da questão militar. Em um mesmo acto fez s. ex. muitos papeis: tragico nos arregunhos, dramatico no sentimental e comico nos desdens, no riso e na galhofa.

×

Vãos incertos

Nas poesias colleccionadas no livrinho que sob o modesto titulo de *Vãos incertos* acaba de publicar o sr. Adolpho Caminha damos o jovem auctor fundada esperança de ser um bom poeta. O livrinho é uma boa promessa; contem algumas poesias que agradam e nas quaes transluz sentimento poetico; mas não são em geral de grande concepção, nem offerecem pujança de imagens.

Se o sr. Caminha se aguardasse para mais tarde, estamos certos que dar-nos-hia um mais rico volume de poesias.

Agradecemos a offerta.

×

A questão militar

O que nós ha muito sabiamos, por ainda mais em evidencia a sessão do dia 17 no senado.

Os partidos monarchicos só querem exercito permanente para instrumento cego de seu despotismo. Não comprehendem no soldado sentimentos elevados: nem honra, nem dignidade, nem brio. Não o consideram o cidadão armado em defensor da patria, mas o servilismo ajaeado, prompto a ferir quando é mandado e dar graças, sorrindo, quando é ferido. Por obediencia passiva não entendem a intelligente comprehensão do dever, mas a submissão bogal do escravo ao imperio do azorrague, ou á humilhação dos rafeiros.

Para os taes politicos, o soldado não é depositario da confiança da nação, mas a escaradeira onde o governo e seus lacaios cospem do alto quanta injuria e impureza secretam.

Veremos se o exercito consente em ser o que elles querem: um reptil que pode ser esmagado com o tacão da bota de qualquer ministro.

Saberemos então se isto aqui é um povo ou apenas uma agglomeração de cadáveres putrefactos.

Importante

O «Correio do Machado», folha que se publica na cidade do Machado em Minas, occupando-se do curso das mais graves questões na actualidade, estampa um escripto bem reflectido, d'onde extrahimos os seguintes periodos:

«Os acontecimentos vão tomando certo caracter, que não precisamos ser nenhuma Cassandra para predizer o futuro.

A evolução republicana accentua-se todos os dias no Sul de Minas e de um modo que impressiona.

O 13.º districto está quasi todo republicanisado.

De um momento para outro o Machado pode, pelos elementos que possui, ser escolhido para o centro administrativo do Estado de Minas do Sul.

O povo do Machado por seu patriotismo proverbial, não pode deixar de ir preparando a sua cidade para esse futuro brilhante, que se aproxima.

Um outro movimento politico, que se opera na vizinha provincia de S. Paulo, a idéa separatista, pode beneficamente influir na evolução d'esta parte de Minas.

Este acontecimento pode de repente explodir. Minas do Sul pode ligar-se a S. Paulo e ao mesmo tempo proclamar a sua autonomia.

Estamos convencido que se a revolução não restituir de uma vez a autonomia das provincias, ellas irão se separando do imperio; cada uma na occasião opportuna, irão se federando, até completar a emancipação de todo o Brasil.

Se São Paulo der o grito separatista, o Sul de Minas deve e pode fazer causa commum com S. Paulo.

Advogamos a idéa separatista que evolue em S. Paulo, porque a separação é a federação.

Não somos utopistas nem sonhamos grandezas futuras influenciados pela embriaguez do opio.

A distancia que nos separa d'esse futuro pode ser grande e pode ser pequena: preparemo-nos.

×

Lemos n' *O Mineiro* o seguinte curioso extracto: «A divida interna e externa do Brazil monta actualmente a consideravel cifra de 1.028.000:000\$000, excedendo 7/8 da renda annual.»

Quasi metade da receita annual do imperio será absorvida para o pagamento dos juros d'essa enorme divida!

O contrario dá-se nos Estados-Unidos.

No ultimo orçamento verificou-se um saldo de 200 mil contos da nossa moeda, que o governo d'aquelle paiz, não sabendo onde empregar para mais augmentar as rendas do Estado, aventou a idéa de restituir ao povo a que legitimamente pertence por ser o producto de impostos arrecadados.»

OPINIÃO DA IMPRENSA

A *Propaganda*, folha republicana de Juiz de Fora, depois de transcrever «O dia de amanhã» que estampamos no numero 24 d'este periodico, acrescenta: «Os periodos acima, que acabamos de extrahir da *Democracia*, excellentes órgão republicano da capital do imperio, são previsões criteriosas que fazemos nossas.

Leiam-n'as os nossos co-religionarios — o povo — e meditem.

O futuro da patria avistinha-se com suas cores brancas.

Cumprirá a nós desannuial-o».

«A *Propaganda*, de Juiz de Fora e a *Democracia* da corte, commemoraram o supplicio de Tiradentes publicando numeros especiaes em que se notam artigos de elevado merito devidos á penna de illustres co-religionarios».

D'O *Mineiro* de Barbacena, em 24 de Abril.

«Abrimos espaço para um magistral artigo que um importante órgão republicano no Rio de Janeiro, *A Democracia*, inserio em suas columnas no dia em que, com uma edição especial, commemorou o sacrificio do grande patriota mineiro — O Tiradentes.

A elegancia da linguagem, a profundeza dos conceitos e o patriotismo que de todo o artigo ressumbra estavam a exigir esta transcrição que já, no nosso ultimo numero, não teve lugar pelas acanhadas proporções da nossa folha.»

(Do *Sapucaieense* em 8 do corrente).

«Em sua chronica politica *A Democracia* encorajou hontem com animo desprevenido os assumptos que são actualmente debatidos, analysando-os com alentada proficiencia.

N'um artigo sob o titulo *O clero nacional e a escravidão*, são postos em evidencia os resultados e vantagens que adviriam á resolução do problema elemento servil se o clero brasileiro, usando do prestigio de sua palavra, concitasse a sociedade e encorajasse o povo a desfazer-se do brago escravo.

Todo o seu numero desperta o maior interesse e as suas paginas encerram leitura de aprofundada meditação e trabalhos variados e amenos.»

D'O Pais, em 2 do corrente.

— *A Democracia*. — Como sempre, logica, energica e brilhante. Entre outros artigos, destacam-se a chronica, escripta com alta proficiencia e o mais completo conhecimento dos factos politicos, que assistimos a todo momento, e que são sempre o reflexo de acontecimentos memoraveis que conservamos com o maior escrupulo, porque são realmente dignos de... conserva.

Ha outro artigo, para o qual chamamos a attenção dos nossos leitores: *Tiradentes*.

Vem a proposito de um trabalho lido no Instituto Historico — o fossil.

O seu auctor começa dizendo: «No Instituto Historico, onde de maravilha apparece algum trabalho digno de nota, tem-se procurado com extema devoção consolidar as glorias da realza e justificar o systema politico, quer no antigo, quer no novo regimen.»

Pois sim. Veremos se elles conseguirão esse milagre.

(*D'A Vida Moderna*, 7 do corrente.)

A Vida Semanaria, que se publica em S. Paulo, resumindo o que dissemos relativamente á ideia separatista, endereça-nos no seu 1º numero palavras animadoras e honrosas.

O Rezendense de 29 de Abril, igualmente allude a este periodico em termos sobremodo lisongeiros.

SECÇÃO LITTERARIA

FRADES SEM CABEÇA

(Conclusão)

D. Anna de Castro enviuvára logo depois de esmagada e aniquilada a revolução de 17.

Os principaes delinquentes de lesa-magestade estavam mortos. Os demais compromettidos e suspeitos estavam presos e a celeberrima Alçada successora das commissões militares farejava mais suspeitos e culpados. A raça infame dos delatores precedia a dos esbirros e ensombrava a terra com as suas azas negras como um bando de corvos esfaimados a revoar sobre a carnica.

Perdendo seu marido, aquella senhora era opprimida por encontradas afflicções. Sentira profundamente a desgraça cahir com a força de um cyclone sobre a sua terra e sobre os seus conterraneos, e depois, a tristura e o peso da viuvez e as lagrimas de Angelica, cruciada em seu coração de filha e de amante.

Expliquemos: o snr. capitão Pedro de-Castro era realista e absolutista fanatico. Oppoz-se tenazmente ao casamento de sua filha com João de Barros sem nenhuma consideração ao muito que os dois se amavam. Porque? Porque o rapaz, altivo, ardido, generoso, bom, mas um pouco estroina, pregava com desassombro idéas liberaes. Era muito perigoso n'aquelle tempo, e o Sr. Castro não queria apertar-se com gente de semelhante raça. Rebellando a revolução, João de Barros atirou-se n'ella entusiasticamente. Vencida, ou antes deixando-se vencer pela incapacidade politica e moral dos chefes, Barros foi dos poucos que não debandaram. Fez parte da escolla que entrou no Recife conduzindo e entregando intactos aos legalistas já restaurados, os cofres do Estado. A honestidade dos revolucionarios em tal emergencia é um titulo que sobremodo os honra e que o governo legal pagou-lhes confiscando-lhes os bens!

Barros conseguiu evadir-se e homisiar-se; foi porem mais tarde denunciado, preso remetido depois com a Alçada regia para Bahia.

Mais contribuíram estes acontecimentos para firmar o capitão Castro em suas idéas a respeito do republicano e julgal-o então fora de combate em suas pretensões.

— Filha, disse elle a Angelica consolando-a, és muito moça; não te faltará rapaz de juizo, digno de ti e a contento de teus pais.

D. Anna não adherira tambem ao casamento. Os motivos, porem não eram os mesmos do marido. Senhora estimavel, de excellentes qualidades, tinha comtudo seu calcanhar de Achilles: a vaidade de familia. Barros, pela familia, não podia no conceito de D. Anna alliar-se á sua.

Proximo á morte, o capitão manifestou e impoz a sua ultima vontade para caso quasi impossivel de João de Barros salvar-se. Este infeliz tinha tudo contra si, excepto Angelica que continuava a amal-o. Ella soffrera e soffria muito; mas o seu amor era profundo, a sua serenidade admiravel e a sua esperança inextinguivel.

Decorreu-se uma semana depois que aquelle

mensageiro nocturno, que se dizia a alma de Antonio Henrique, o heroico, martyr da revolução, transmittio á viuva o pedido que trazia lá das regiões tenebrosas do Tartaro onde gemia a alma do capitão Castro. Era uma manhã, D. Anna estava ainda no seu quarto, quando suas duas filhas Izabel e Claudina, pallidas, attonitas, entram-lhe pela camara a chamal-a:

— Mamãe! mamãe!

— Que é isto, meninas?

— Mamãe! Que é de Angelica!

A viuva sentio uma violenta pancada no coração.

— Pois não está lá com vocês?

— Não senhora, não está. Levantámo-nos e já não a encontramos na cama nem em parte alguma da casa!

— Oh! é impossivel! exclamou D. Anna com desespero.

— Ninguém em casa nos dá noticias d'ella. Não a viram senão hontem quando se recolheu connosco.

— Oh meu Deus, será alguma desgraça?

Senhor valei-me! E sahio a percorrer toda a casa e chacara, chamando pela filha, e chorando.

Imagine-se do alvoroço, da perturbação e da anciedade que iam pela casa da viuva.

Que é feito de Angelica? Onde pára essa menina? Porque, para que, como desapareceu ella? Acaso terá sido como Venus arrebatada para o céu, ou transportada para alguma templo de Lesbos ou de Paphos? Não se sabia.

Dentro de meia hora constava em toda a povoação a grande e pasmosa novidade. Choviam os mais contradictorios commentarios e de envolta com as idéas conceituosas, abundavam os disparates, as ingenuidades, a maledicencia.

A muita gente parecia haver no facto intervenção diabolica ou de força sobrenatural, ao qual talvez não fossem estranhas essas almas penadas, vagabundas que deviam ser os espiritos maus. Reforçava este juizo uma mulher ainda moça muito magra, hysterica e entendida em cousas d'alem-mundo, especie de pytho-nissa — incompleta.

Attrahida aquella noite por uma vozeria surda confusa, estranha, fôra observar á vidraça de sua janella e vira um espectáculo extraordinario que sobremodo a espantou: era um bando de bruxas que passavam volteando e grasnando pela frente de sua casa, seguindo um vulto

enorme, negro, fumarento, que parecia metido em veste talar e levava atravessado e estendido sobre as costas um outro corpo que parecia ser de mulher. Iam tão rapidamente que não andavam, mas deslisavam como urubús no espaço. O que mais a impressionou foi não distinguir cabeça em nenhuma d'aquellas sombras, medonhas, excepto a da mulher que carregavam.

Mais de duas vezes fôra a viuva Castro incommodada alta noite por aquella voz pesada, monotona, tumular repetindo-lhe o mesmo discurso que parecia vir ora da rua, ora de pontos differentes da casa. Uma noite criou animo, levantou-se, accendeu a lampada, chamou um escravo, passou em revista toda a casa fez revistal-a exteriormente: nada viram.

Devia tomar ao serio semelhantes revelações? De bom grado não as aceitava nem estava ainda disposta a anuir ao casamento de Angelica com João de Barros. Julgava isso esquecido. Decidida pois a consultar-se com o parochio da freguezia, nada dizendo entretanto do que lhe acontecia ás suas filhas.

O sorprendente desaparecimento de Angelica impedia-a de realisar a conferencia. E quando angustiada, lacrimosa se dirigia a casa do sub-prefeito a fim de queixar-se e pedir providencias, encontra-se com o velho alferes de milicias que vinha apressadamente.

— Vai bastante consternada, minha senhora! Eu já sei de tudo; mas tranquillise-se. D. Angelica está alli na matriz. Apenas se abriu a igreja, lá se vio ella muito quieta assentada nos degraus do altar de N. Senhora. Vamos D. Anna, sua filha lá a espera. Pede que V. S. vá e leve as outras meninas.

A viuva ficou muda de commoção. Tornando a si, perguntou:

— O Senhor vio-a?

— Vi-a e falei-lhe.

— Mas como foi isso?

— Ignoro, minha Senhora. V. S. vá ter com ella.

— Ah meu Deus! sinto um allivio... disse a viuva voltando á casa.

Minutos depois sahia de novo em companhia das duas filhas Isabel e Claudina.

Encaminhou-se para a matriz dos Afogados, onde chegando vio levantar-se dos degraus do altar môr e correr para ella sua filha Angelica que abraçou-a e beijou-a dizendo-lhe:

— Perdão, mamãe, perdão.

— Angelica! que loucura é essa? Como estás aqui? Quem te trouxe?

— Desculpe, mamãe; logo saberá tudo. Agora...

— Minha senhora, interrompeu o parochio aproximando-se, V. S. perdoe-lhe, mas é preciso casar-a. Ella só deve sair d'aqui casada.

— Como Revme? Pois assim á queima roupa? E com quem? interroga a viuva correndo os olhos pelo recinto do templo.

— Com o Joãozinho, mamãe, responde-lhe com vivacidade Angelica.

— Oh menina! redarguo-lhe a mãe n'um severo tom de censura. Angelica, abaixou os olhos, perturbada.

— E a memoria de teu pai! accrescentou.

— Já lhe pedi perdão. Estou convicta de ser perdoada.

— Não ha remedio, minha Senhora, tornou o parochio; é a providencia mais acertada: casar-a já.

— Mas, Revme, não tenho nada prompto; não estou prevenida. Isto é uma surpresa. Não se me dá tempo nem de respirar.

— D. Anna de Castro, está tudo prompto, nada falta; a cerimonia pode realisar-se já; responde um guapo rapaz entrando do consistorio e saudando cortezmente a viuva.

Era o João de Barros, moço de 24 annos. Estava pallido, commovido, mas encantador.

— Ah! é o senhor quem está ahí? interpellou D. Anna, abanando com a cabeça. E' o auctor desta estalada. Eu lh'o agradeço muito, Sr. João de Barros.

— Perdão, minha Senhora, disse o mancebo abaixando a cabeça.

— E os padrinhos?

PATRIA E REI

O pranto de um povo é bem devido quando derramado por algum factor de sua felicidade ou de sua gloria.

Na camara d'El-Rei, onde os brões e as damas, Ao luzir da dragona e d'ouro ás aureas chammas, Entram para saber da regia enfermidade, Vê-se alguém que soluça, uma mulher mesquinha, Pobre agora a chorar, podendo ser rainha E ter tambem a sua egregia magestade.

Soffre El-Rei; porem ella a um canto, prosternada, Inda padee mais e não accusa nada Pois não tem sobre a terra a quem pedir abrigo: Se soluça o seu pranto é desditoso e amargo; E se chama é sem fim como o infinito, é largo Como o espaço onde peite a esmola de um amigo.

E esse povo que investe o lar d'El-Rei doente C'o semblante a chorar pela dôr que El-Rei sente Não vê alli tambem a triste a soluçar. E se soluça El-Rei e prostra-se de novo Tambem se prostra e chora o escravizado povo E a triste morre sem a esmola de um olhar.

E é sublime de ver-se a piedade d'ella: Se El-Rei dorme um instante, esse instante ella véla Palpando o coração, vendo se foge a vida Se elle desperta, n'alma acende-se a esperanza, E se o encontra a chorar, chora como criança Julgando-se perdida.

Mas El-Rei quando a vê a um canto solitaria, Andrajosa e senil, qual miseravel paria, Tendo sempre no olhar a lagrima suspensa, Sente-se estremecer e julga-se magoado, Pois vê que essa mulher que alli chora ao seu lado Aggrava-lhe a doença.

E quando atum Barão, um intimo do Paço Indaga alguma vez em giria de devasso O nome da mulher que sempre amado hei, Silencia-se em torno inexoravelmente, E vê-se então por toda a camara silente Um terno e triste olhar fitando o olhar d'El-Rei.

E enquanto tudo está silencioso e ermo, Sente-se palpar o coração do enfermo Que se revolve á luz d'aquelle olhar tão triste... Novo accesso febril quebra o silencio, então No delirio da febre eleva-se a canção, El-Rei canta e, a chorar, ella tristonha assiste.

E todos ao transpôr a camara onde habita A desconlação de uma nação afflicta, Que chora por seu rei como por bom senhor, Nem reparam que alli jogado a um canto escuro Já succumbe tambem, luz de nosso futuro, O coração da patria, ideal de nosso amor!

Sim, quando El-Rei padee é bem que o povo gema, Porem quando se vê a patria em luta extrema Mendigando um ceitil á bolsa das nações, E' preciso que o povo esteja sempre forte... Uma morte que val'em face de outra morte? Vamos, povo, fechai os vossos corações.]]

Rio, 14 de Maio de 87.

SPARTACO.

—Elles ahí vem, tenho a honra de lh'os apresentar. — o sr. Major Carneiro e sua digna esposa; são pessoas muito conhecidas de V. S. O casal nomeado para desempenhar a missão de paranymphe aproximou-se e comprimintou affectuosa e familiarmente a viúva e suas filhas:

—Muito bem, sr. João de Barros, tenho comprehendido tudo. Com effeito, o Sr. ... posto que é o chefe da bruxaria, o celebre frade sem cabeça que tem alarmado a freguezia.

—Eu?! minha senhora. V.S. perde a aposta.

—Bem! bem! Seja feita a sua vontade. Rev'm, não opponho mais nenhum obstaculo; estou vencida.

Nos olhos de João de Barros e da Angelica viram-se brilhar as fulgurações da felicidade.

Posto em liberdade pela Relação da Bahia com os demais pernambucanos que a Alçada arrastara ás prisões, João de Barros entrou na cidade natalicia, abatido de corpo, mas forte de espirito. O poder magico do amor de Angelica não o abandonara na desgraça e imprimia-lhe uma coragem sobrehumana. Tratou immediatamente de promover todos os meios de realisar seus esponsaes com sua noiva. Apresentou-se á casa da viúva, reiterou o pedido da mão de Angelica e de novo vio repellido. Levantou-se diante d'elle, como barreira indestructivel, a ultima vontade do capitão Castro.

João de Barros não desanimou. A ida da familia para Afogados foi-lhe propicia; as abusões que alli reinavam então, ainda mais. Com o auxilio d'essas crengas e o concurso de alguns amigos e de uma escrava da viúva, atacou de flanco a trincheira. Impaciente, porque tardava a rendição, assaltou-a de frente, de intelligencia com Angelica, tudo conseqüo.

Elle representou na phrase popular, de *frade sem cabeça*; mas é de justiça reconhecer-se pelo resultado, que realmente o rapaz teve cabeça.

Mais feliz na luta pelo amor que nos combates pela republica, foi em tudo — mais feliz que o *Tiradentes*.

CARTAS DO RECIFE

23 de Abril de 1887.

MEU AMIGO

A vinda de J. Nabuco a esta provincia concorreu de alguma sorte para animar o movimento abolicionista. As excursões feitas pelo illustre propagandista e pelo exm. sr. Dr. J. Mariano em diversos pontos da provincia, onde foram bem recebidos, dando os habitantes d'esses lugares, como Palmares, Escada, Nazareth, as maiores demonstrações de apreço e favoravel acolhimento ás ideias defendidas pelos dois incansaveis apostolos da emancipação servil, nos meetings que realisaram; as conferencias no theatro de *Variedades* para onde o povo affluia como se fosse assistir a uma grande festa; enfim o banquete de despedida offerecido a J. Nabuco pelo exm. sr. Dr. J. Mariano, que conseguiu reunir em seu palacete os mais decididos representantes do abolicionismo — confirmam o juizo que a principio enunciei e ao mesmo tempo demonstram que nenhum desacordo existe entre os verdadeiros liberaes em cujo programma se acham escriptas as palavras *abolição que é o trabalho e a terra, e federação que é a independencia e o crescimento*.

Mas, assim como estes factos vieram dar um certo impulso ao movimento abolicionista, assim vieram fazer com que a reacção se manifestasse.

Os escravocratas sentiram-se mal, e d'esse mal estar nasceu o desejo da vingança.

As primeiras autoridades da provincia cruzaram os braços e os agentes de policia converteram-se em *capitães de campo*.

E nem podia deixar de ser assim. A lei que abolio a pena de açoites não pode ser cumprida. Ella não foi a resultante da vontade da *Camara dos fazendeiros*, mas um corollario da propaganda abolicionista. Eis

porque os *senhores* continuam a surrar o que chamam o sua *propriedade*, e a policia não os incomoda; ao contrario lhes prestam auxilio, espancando e até assassinando os que têm a ousadia de abandonar as *fazendas* ou *engenhos*, em busca d'aquillo que lhes roubaram.

Ainda não faz muito tempo que o tenente coronel Pedro Osorio de Cerqueira mandou agoitar um seu escravidado que ficou horivelmente maltratado.

Domingos, assim se chamava o infeliz, foi apresentado ao presidente da provincia. Este se mostrou indignado e declarou que não approvava essas scenas de sangue. Entretanto, dias depois, o pobre Domingos desaparece da casa em que se achava em tratamento, sem se saber como.

O facto foi comunicado ás autoridades e essas nenhuma providencias tomaram. Parece que já estava planejado o desaparecimento do escravidado. Porque só assim se poderá explicar o procedimento do juiz substituto, a quem foi affecta a formação da culpa, não despachando o requerimento em que o curador de Domingos mo, trava a vantagem que havia de ser o seu curatellado recolhido ao hospital Pedro 2.º, onde podia ser mais convenientemente medicado.

Todavia os negreiros não ficaram satisfeitos. O sangue que escorria das carnes do infeliz Domingos, que talvez a esta hora, em algum canto ignorado, esteja servindo de pasto aos corvos, ou então na fazenda, sofrendo novas torturas, não lhes mitigou a sede que tinham de sangue. Era preciso ainda uma victima cujo algoz fosse a propria policia.

A empreza não foi difficil. Passavam pelo povoado de S. Lourenço da Matta (suburbio da capital) Belisario José e mais 3 individuos. A policia persegue-os, e conseguindo prender o primeiro, espanca-o barbaramente, e manda-o para a *Detenção*, como escravo fugido. Ah! no dia seguinte, morre o desgraçado. Denunciado o crime (que a policia procura occultar), requerida a exhumação, verifica-se pela autopsia que a morte resultou dos ferimentos que Belisario havia recebido, quando espancado e cutilado pela policia de S. Lourenço.

E até hoje o delegado d'essa localidade e os seus agentes continuam no exercicio de suas funções, sem haver soffrido da administração a mais leve censura.

Na Assembleia foi discutido o facto e a maioria, que pensa que desde que existe o escravo, deve ser respeitado o direito do senhor, e o Estado não deve abandonar as relações entre o senhor e o escravo, pois seria a desorganização do trabalho, da qual muitos males proviriam, achou que o serviço foi bem feito.

Um escravo mata-se como se mata um cão vadio.

No dia 22 installou-se a 2.ª sessão do jury, sob a presidencia do Dr. Costa Ribeiro, juiz de direito do 1.º districto criminal, occupando a cadeira da accusação o Dr. Oliveira Escorel, 2.º promotor publico da capital.

Foram apresentados 13 processos. Hontem foi submittido a julgamento o reu Antonio Tiburtino de Mello, condemnado a 46 dias de prisão e multa de 13 e 1/3 por cento do valor furtado, grão minimo do art. 257 do cod. crim.; e hoje o reu João Ferreira de Mello, condemnado a galés perpetuas, grão maximo do art. 193.

No dia 18 abriram-se as aulas do 5.º anno e hoje as do 2.º da Faculdade de direito. Ainda continuam os exames dos outros annos, tendo havido só no primeiro 12 reprovaciones.

Foi festejado com passeata, musica, e discursos o anniversario da introdução do ensino livre no Brasil.

Falleceram os estudantes Bento de Freitas Guimarães Junior, do 4.º anno, e Domingos Elyseu do Amaral, do 3.º.

Retirou-se da scena, onde tantos louros conquistou, a gentil e mimosa actriz Manuelita Sacanelles, da Companhia hespanhola de Zarzuellas, que continua a funcionar no S. Zabel.

Deve casar-se hoje mesmo com o sr. Jovino Tavares, empregado da Relação.

Durante o ultimo trimestre foram sepultados no Cemiterio Publico de S. Amaro 732 cadaveres, sendo em Janeiro 266, em Fevereiro 209, e em Março 257.

Confirmou hontem o Tribunal da Relação o despacho da improcedencia da denuncia do 1.º promotor contra o commandante geral da guarda civica, ha muito suspenso pelo presidente da provincia.

Este resultado já era esperado. A denuncia arranjada como foi, visto serem desprezadas as testemunhas do inquerito, onde se acha provada a criminalidade do sr. Cabral, unico, responsavel pelo morticínio da rua de Lomas Valentinas, e offerecidas outras já industriadas, não poderia ter outro despacho senão o que deu o juiz formador de culpa e que a Relação acaba de confirmar.

Amanhã, ao meio dia, deve realizar-se no theatro *Variedades* a 1.ª das conferencias promovidas pela Sociedade Pernambucana Contra a Escravidão e União Federal Abolicionista, sendo orador o exm. sr. Dr. José Mariano.

Tambem se effectuará á noite no S. Zabel, uma sessão fúnebre em homenagem ás victimas do naufragio do *Bahia*, promovida por alguns estudantes da Faculdade de Direito.

O ultimo (n. 9) da *Revista do Norte* distribuido no dia 11, traz o seguinte editorial que bem justifica a sua retirada do jornalismo pernambucano:

DE PROFUNDIS

Os abaixo assignados CONSIDERANDO, que com o presente numero desquitam-se do compromisso tomado no primeiro; CONSIDERANDO, que durante este trimestre tiveram de lutar com enormes difficuldades,

CONSIDERANDO, que a receita foi de 309\$400, CONSIDERANDO, que a despesa foi de 399\$500, CONSIDERANDO, que ha prejuizo de 90\$100, CONSIDERANDO, que este prejuizo repartido entre os quatro, importa para cada um em 22\$525, CONSIDERANDO, que não vale a pena pagar para escrever, desolvem não continuar mais na publicação da *Revista do Norte*.

Despedindo-se do publico, os abaixo assignados, agradecem a todos em geral, a imprensa em particular, e muito particularmente aquelles assignantes que pagaram as suas assignaturas, o grande numero de attensões de que foram alvos.

Isid. Martins Junior.

Arthur Orlando.

Adelino Filho.

Pardal Mallet.

No dia 10 appareceu uma nova folha, sob a redacção de Euclides Quinteiro e Ferreira Junior, intitulada *A Gazetinha*, que declara-se « conscienciosamente democratica e perfeitamente imparcial. »

Assim « ella não estará nunca, manietada a serviço da pequena politica, porque isto seria dar-lhe uma missão tão torpe, quão pernicioso; é a alfombra sombria que, como leito de repouso, a mancenilha offerece ao viandante. »

E « sem offender individualidades, ella destruirá os alicerces em que se sustentam muitas d'as nossas instituições decrepitas. »

E que tal a fothinha! (*sem calembourg.*)

Das officinas da Livraria Parisiense vae sahir brevemente um livro de versos sob o titulo de *Lyra Alagoana*.

Continua a publicar-se em fasciculos *O Plebeu*, drama de Ribeiro da Silva, alumno da Faculdade de Direito.

Uma noticia:

Sabino José dos Santos Junior, estudante de direito, natural da Bahia, acanha de atirar, em folhetos, á luz da publicidade uns versos que intitula — *Brazil e Oitenta e Nove*.

Começa assim:

O mundo todo espera o livre Centenario. Que luz no porvir, qual lindo planetario. Qu'espalha pela terra o fulgido clarão!... O mundo se prepara e vae erguer um preito A' França que celebra a festa do Direito. Depois de celebrar a festa da Razão.

Depois de, nas 5 estrophes seguintes, fazer algumas considerações boas sobre a grandiosa festa com que a França pretende comemorar o anniversario da mais fecunda das revoluções, do profetisar a quadra do throno no seculo 20 e o progresso que se ha de ver em todas as nações, excepto no Brasil, se exprime deste modo nas 6.ª e 7.ª estrophes:

O mundo se prepara e vae erguer um preito A' França que celebra a festa do Direito. Depois de celebrar a festa da Razão!... Talvez que n'esse dia em versos eloquentes Os filhos do Brazil, festejem Tiradentes Enquanto dorme o rei e geme a escravidão.

E' preciso cynismo!... Oh filhos do Brazil, Para se festejar da França as glorias mil N'um solo onde se ouvem gemidos escravos; Cantar na vossa patria o himno da vergonha, Affm de se limpar do solo esta peçonha Que nos priva crescer nos dias luminosos.

Continuando — nos que se seguem que são 12 — pinta os horrores da escravidão, lamenta a nossa miseria, bate palmas ao Ceará e Amazonas livres e termina o seu livrinho:

Mas, o seculo não tarda! E não se vê luzir No solo brasileiro, em nome do Porvir A luz da Liberdade! A luz da Abolição!... Diante de Pariz a brasileira presença Se faz representar, qual genio da descrença Levando a eternidade a sua Escravidão.

E' triste e muito triste a nossa posição. Muito bem!

CARLOS JILMAR.

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA THEATRAL

83—Rua Sete de Setembro—83
RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PECAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Pecas de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A princeza dos Gajuros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angu.....	18000
A casadinha de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Láz.....	18000
Por um triz coronel, proverbio em 1 acto.....	500
Amor por annexins.....	500
Uma vespera de Reis.....	500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem á lua.....	18000
O jovem Telmaco.....	18000
A Mascotte.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	8500
Por um triz.....	500
Quasi que se pegam!.....	500
Um alho.....	500
O meu amigo banana.....	8200
A bengala.....	8200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Férrião.....	18000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos.....	18000
Aime ou o assassino por amor, bello drama.....	18000
A Jadin, notavel drama de Pinheiro Chagas.....	18000
A morgadinha de Val-flor, pelo mesmo.....	18000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes.....	18000
A Estalua de carne, traducção do Dr. Pires d'Almeida.....	18000
Dalila, celebre drama de Octavio Feuillet.....	18000
Romance de um moço pobre, pelo mesmo.....	18000
Amor e infamia, notavel drama.....	18000
Gonzaga, ou a revolução de Minas, celebre drama de Castro Alves.....	18000
Eurico, magistral drama extrahido do romance do mesmo nome.....	18000
Fausto, drama phantastico de Gutierrez da Silva.....	18000
Os Positivistas, drama onde não entra dama.....	18000
O negro, drama importante.....	18000

Typ. d'A DEMOCRACIA.